

Especial

Conselho de Recursos reduz multas aplicadas nos casos de fraudes cambiais **Página C3**Chile anuncia crescimento de 6,4% em março, encerrando fase de recessão **Página A9**

Trabalho

Comissária da ONU defende maior participação das empresas na solução de problemas sociais

Direitos humanos também dão lucro

Milton Gamez
De São Paulo

Aos 55 anos, Mary Robinson, alta comissária das Nações Unidas para Direitos Humanos, tem um trabalho que considera mais difícil que o anterior, a presidência da República da Irlanda (1990 a 1997). Hoje, ela usa a experiência à frente de um país dividido para fazer valer a cinquentenária Declaração Universal dos Direitos do Homem.

O setor privado, defende, tem um papel tão importante quanto os governos para garantir os direitos básicos das populações. Afinal, questões como a insegurança, o trabalho infantil, a discriminação racial e sexual e a má distribuição de renda prejudicam os mercados internos, as empresas e seus consumidores. "A capacidade dos governos tem diminuído e o poder das corporações, aumentado. Poder traz responsabilidade", afirma a homônima da poeta inglesa Mary Robinson (1758-1800), uma valente defensora das mulheres. A comissária da ONU, em visita oficial ao país, recebeu o Valor ontem antes de falar sobre responsabilidade social a empresários reunidos pelo Instituto Ethos, em São Paulo.

Valor: Qual é o seu recado para as empresas brasileiras?

Mary Robinson — A comunidade empresarial é o centro do debate. As corporações podem violar os direitos humanos. Maus empregadores usam mão-de-obra infantil, despejam lixo tóxico no ambiente. As companhias podem ser um poderoso aliado

na defesa dos direitos humanos.

Valor: Por quê?

Robinson — É bom para a imagem das marcas, bom para reter funcionários. Até mesmo em situações de conflito o setor privado pode exercer influência coletiva para mudar. Veja o exemplo da África do Sul, o da Irlanda do Norte. Os empresários se dedicaram para haver reconciliação. No Brasil, os empresários podem promover rápidas mudanças sociais. Se souberem fazer alianças com a sociedade civil, os progressos serão muitos.

Valor: Foi assim na Irlanda?

Robinson — A comunidade empresarial da Irlanda do Norte uniu-se à da República da Irlanda. Perceberam que era ridículo ainda haver conflito em torno de antigos debates religiosos. Começaram a influenciar os líderes políticos. Os empresários podem ter uma interação muito grande com os políticos, podem dizer que estão perdendo mercados e investimentos externos.

Valor: Isso vale para o Brasil?

Robinson — Em São Paulo, há um problema muito grande de segurança. Isso deve afetar os investimentos. É, portanto, interesse dos empresários se engajarem nessa questão. Há muita desigualdade no Brasil, o que é ruim para a coesão social. Os governos têm a responsabilidade básica de proteger os direitos humanos. Mas a capacidade dos governos tem diminuído e a o poder das corporações, aumentado. O poder traz aumento de responsabilidade.

Valor: As empresas teriam os mesmos interesses em proteger os

direitos humanos?

Robinson — Sim. Elas estão aprendendo a interagir com as comunidades onde fazem negócios. Fazem isso em defesa de seus interesses comerciais. Gestores de investimentos e fundos estão sendo mais transparentes sobre a aplicação dos recursos. A conscientização dos consumidores é cada vez maior e isso afeta as marcas. Os mais jovens estão mais preocupados com o trabalho infantil, o meio ambiente.

Valor: Existe alguma empresa a ser seguida como modelo?

Robinson — Várias estão liderando esse debate no "Global Compact", iniciativa da ONU junto aos empresários para defender direitos humanos, padrões trabalhistas e o meio ambiente. Companhias como a Shell e outras que tiveram e têm problemas aderiram, estão determinadas.

Valor: Se a senhora presidisse uma empresa, quanto investiria na responsabilidade social?

Robinson — Bastante, pois é também uma questão de recursos humanos. Definiria objetivos precisos e falaria muito sobre eles com os gerentes, os funcionários, pois traria muita motivação. A declaração dos direitos humanos promove a ordem legal e a estabilidade social, fatores que melhoram os mercados.

Valor: Qual é o contra-exemplo?

Robinson — Há muitos. Há empresas destruindo a terra dos povos indígenas, devastando as florestas, poluindo o ambiente. Monitoramos como empregadores oferecem condições ruins de trabalho, fazem discriminação racial. No ano que vem teremos

uma conferência mundial sobre racismo na África do Sul. Vim pedir aos líderes empresariais brasileiros que se engajem ativamente nesse debate, que olhem para suas próprias companhias e tomem medidas, que não tolem a discriminação racial.

Valor: E o trabalho infantil?

Robinson — A exploração da mão-de-obra infantil viola os direitos das crianças. Mas é fácil dizer "não permitam o trabalho infantil". O que as crianças precisam é de uma alternativa educacional e, nisso, as empresas podem ajudar. Ao educarem as crianças, estarão educando os consumidores e os empreendedores de amanhã. Quantas crianças pobres têm acesso às universidades no Brasil? Isso é muito ruim para um país, perde-se talentos. Na Irlanda, conseguimos apoio privado em programas de tarefa escolar, de distribuição de livros e computadores em áreas pobres. Há boas razões também para as corporações combaterem a corrupção. Seria um estímulo aos investimentos no Brasil.

Valor: O setor privado está cumprindo seu papel?

Robinson — Fiquei muito satisfeita em ouvir que o coração do programa Comunidade Solidária é a participação das empresas privadas. Elas apoiam o trabalho junto às crianças, contra o analfabetismo e incentivam programas de trabalho para os jovens. Essas são as conexões que precisam ser feitas e reproduzidas.

Valor: Como melhorar os direitos humanos num país com uma distribuição de renda tão desigual?

Robinson — É preciso trabalhar



Mary Robinson: "A conscientização dos consumidores é cada vez maior"

de baixo para cima, com mudanças estruturais que ajudem a criar maior igualdade. Grupos locais podem fazer a diferença em seus bairros, criando empregos, treinando os jovens, envolvendo mais as mulheres. O setor privado pode fazer o elo de ligação com as autoridades municipais.

Valor: As mulheres são discriminadas nas empresas brasileiras?

Robinson — Sim. Há diferenças salariais, nas promoções. Se a mulher é negra, sofre dupla discriminação. Não há mulheres na corte suprema, há poucas no Congres-

so. A participação das mulheres é uma boa medida do crescimento sustentado em países com regimes federativos. Não que elas sejam melhores que os homens, mas o equilíbrio é bom para ambos e para as sociedades.

Valor: Quem é mais romântica, a poeta Mary Robinson ou a comissária da ONU?

Robinson — Sou um pouco romântica sobre ideais, tenho uma visão dos direitos humanos que me motiva muito. Sou amiga de poetas e Mary Robinson teve um papel muito importante.